[Recensão a] VLASSOPOULOS, K. Greeks and Barbarians.

Autor(es): Sousa, Renata Cardoso de
Publicado por: Universidade Federal do Rio de Janeiro
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/34750>
DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1413-5787_20-1_12
Accessed : 26-Apr-2023 13:45:44

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

PHOÏNIX

RESENHA

VLASSOPOULOS, K. **Greeks and Barbarians**.
Cambridge/New York: Cambridge University Press,
2013. 392 p.

“DESPENSANDO” O “GREGO *VERSUS* BÁRBARO”^{*}

Renata Cardoso de Sousa^{**}

Kostantinos Vlassopoulos é professor associado de História Grega da Faculdade de Artes da Universidade de Nottingham (Inglaterra), cujas linhas de pesquisas tocam temas relacionados à história socioeconômica da Grécia antiga, história da historiografia e história comparada. O autor do livro interessa-se, atualmente, por questões relativas à escravidão antiga e moderna (analisada por Moses Finley no início da década de 1980), aos grupos subalternos e ao “despensar” a *pólis* grega, debatendo abordagens historiográficas que tendem a entender a *pólis* como algo uno.¹

Quem se interessou ou quis comprar o livro **Greeks and Barbarians**, recém-lançado pela Cambridge University Press, acreditando que ia encontrar uma obra que trata da famigerada dicotomia existente entre gregos e bárbaros e o esforço dos gregos por caracterizar/depreciar o bárbaro, enganou-se. O que é bom: a abordagem de Vlassopoulos questiona essa separação dita intrínseca entre gregos e bárbaros, oferecendo-nos uma nova perspectiva para compreender a relação entre os gregos e não gregos. Mais do que contraditório, esse par é complementar: não se pode pensar a cultura produzida pelos gregos sem os “bárbaros” e vice-versa.

* Recebida em 05/11/2013 e aceita em 09/12/2014.

** Professora mestranda do Programa de Pós-graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa.

Esse é o principal argumento do seu livro. Os gregos, num plano discursivo, procuraram diferenciar o bárbaro de si, a fim de fundar sua própria identidade, como podemos ver nos épicos de Homero ou nas **Histórias** de Heródoto. No entanto, na prática, os gregos dialogaram bastante com os não gregos através de trocas culturais que não diziam respeito somente à imposição, mas à circulação mesmo de ideias e tecnologias pelo Mediterrâneo.

Essas trocas tiveram como principal palco o mundo das *apoikíai*, as “colônias” gregas, as quais frequentemente ou adotavam os costumes gregos (sobretudo o modo de organização *políade*) ou recebiam-nos e modificavam-nos, adaptando-os aos seus contextos. Para isso, são essenciais os conceitos de *globalização*, *glocalização*, *representação*, *mídia* e *sociedades fronteiriças*, os quais ele explica de maneira bastante elucidativa, a fim de não cair em uma armadilha que todos os historiadores temem: a do anacronismo. Apenas o conceito de *nação*, utilizado pelo autor em algumas partes, poderia ser mais bem explicado e mais fundamentado.

Vlassopoulos defende que esse encontro cultural não se deu somente no período helenístico, como muitos conjecturam: é um processo bem mais antigo, que vem desde o Período Arcaico grego. Para sustentar essas hipóteses, o autor utiliza um leque expressivo de cultura material e de documentação textual oriundo mais das próprias *apoikíai* e de outras partes do Mediterrâneo (Pérsia, Egito, Mesopotâmia, Síria, etc.) e menos dos tradicionais centros produtores de cultura (o Egeu, com Atenas e Esparta sendo as principais *pólis*).

Em sua introdução, Kostas Vlassopoulos deixa claro que a sua intenção é tornar o livro didático; por isso explica os contextos históricos a que se refere antes de partir para o problema em si. Isso pode parecer monótono para o especialista em História Antiga, mas, como o próprio autor também coloca na introdução, é um livro cujo público não é apenas o historiador da Antiguidade, mas também o acadêmico que está começando a dar seus primeiros passos nesse período e até mesmo o grande público. Nesse ponto, **Greeks and Barbarians** serve como um material didático bastante profícuo tanto para o professor quanto para o aluno.

A linguagem que o autor utiliza é clara: quem lê minimamente em inglês consegue compreender o livro e este é estruturado didaticamente. Todos os capítulos têm uma introdução geral (em que um problema é colocado e contextualizado), o desenvolvimento da problemática (com os exemplos

oriundos da documentação utilizada) e uma conclusão que sumariza o que foi tratado no capítulo, fazendo um *link* entre o que já foi visto e o que será.

É uma obra muito rica: o leque documental é de natureza vasta (textos, epigrafia, escultura, edificações, cerâmica, ourivesaria, etc.), bem como a abrangência geográfico-cultural do estudo. Sua principal contribuição se dá no tocante aos questionamentos sobre uma visão dualista do par grego/bárbaro (que origina a secessão Oriente *versus* Ocidente no entendimento – errôneo, segundo o autor – da contemporaneidade), e à crítica aos marcos históricos tradicionais para a helenização (Alexandre, O Grande) e produção de discursos acerca da “invenção do bárbaro” (Guerras Greco-Pérsicas).

Além de outros cientistas humanos, todo historiador e estudante de História deveria ler esse lançamento de Kostas Vlassopoulos, visto que é uma obra a que, em sua estrutura, nos faz refletir sobre questões intrínsecas ao fazer histórico, às vezes olvidadas por alguns membros da academia que insistem em perpetuar uma visão estanque e maniqueísta da história, em detrimento de sua dinamicidade.

Nota

¹ O autor publicou um livro em 2008, intitulado **Unthinking Greek Polis** (Cambridge University Press), o qual desconstrói a ideia de que a *pólis* era coesa ao longo da abrangência geográfica do mundo grego, fazendo um percurso historiográfico desde a Antiguidade até os historiadores do presente para pensar como essa *pólis* foi trabalhada ao longo do tempo.